

CONTAR HISTÓRIAS PARA CUIDAR DO MUNDO

TELLING STORIES TO TAKE CARE OF THE WORLD

CONTAR CUENTOS PARA CUIDAR DEL MUNDO

Fabiano de Oliveira Moraes

<https://orcid.org/0000-0001-6741-4564>

E-mail: professorfabianomoraes@gmail.com

RESUMO

Ailton Krenak (2019) afirma, em "Ideias para adiar o fim do mundo", que é do lugar do sonho que brotam as histórias que nos permitem adiar o fim do mundo. É desde esse espaço onírico, lúdico e sagrado, acessado por meio das histórias e dos sonhos e indicado por xamãs e sábios que nele habitam ou que por ele atravessam, que podemos resistir, re-existir e cuidar do mundo que em nós adoeceu. Este ensaio propõe, por meio de uma fabulação sobre a fabulação, a abertura desse desdobramento de mundo a partir da apresentação de uma história vinda do topo do mundo, dos Himalaias: "O Senhor das Ilusões". Pois se é a partir do lugar do sonho que podemos construir paraquedas coloridos de todas as cores para suavizar a nossa queda (Krenak, 2019), o material onírico das histórias pode nos fornecer elementos suficientes para cuidarmos do mundo que anda doente em nós.

PALAVRAS-CHAVE: Contar histórias. Ensaio. Ancestralidade.

ABSTRACT

Ailton Krenak (2019) states, in "Ideas to postpone the end of the world", that it is from the place of dreams that stories emerge that allow us to postpone the end of the world. It is from this dreamlike, playful and sacred space, accessed through stories and dreams and indicated by shamans and wise men who inhabit it or who pass through it, that we can resist, re-exist and care for the world that has become sick within us. This essay proposes, through a fable about fable, the opening of this unfolding of the world through the presentation of a story coming from the top of the world, from the Himalayas: "The Lord of Illusions". Because if it is from the place of dreams that we can build colorful parachutes of all colors to soften our fall (Krenak, 2019), the dream material of stories can provide us with enough elements to take care of the world that is sick within us.

KEYWORDS: Telling stories. Rehearsal. Ancestry.

RESUMEN

Ailton Krenak (2019) afirma, en "Ideas para postergar el fin del mundo", que del lugar del sueño surgen las historias que nos permiten postergar el fin del mundo. Es desde este espacio onírico, lúdico y sagrado, al que se accede a través de cuentos y sueños, indicado por chamanes y sabios que lo habitan o que pasan por él, que podemos resistir, re-existir y cuidar del mundo que se ha enfermado en nuestro interior. Este ensayo propone, por medio de una fábula sobre la fábula, la apertura de este devenir del mundo a través de la presentación de una

historia proveniente de la cima del mundo, del Himalaya: "El Señor de las Ilusiones". Porque si es desde el lugar del sueño que podemos construir paracaídas coloridos de todos los colores para suavizar nuestra caída (Krenak, 2019), el material onírico de los cuentos puede proporcionarnos elementos suficientes para cuidar del mundo que está enfermo en nuestro interior.

PALABRAS CLAVE: Contar historias. Ensayo. Ascendencia.

TERRA DAS HISTÓRIAS

Histórias e sonhos são como irmãos. As mais fugidias lembranças oníricas transitam com destreza pela mesma terra das histórias por onde passeia a fabulação presente na narração.

Nessa terra sagrada, pisamos firme, dançamos leve, seguimos, ora como pluma ao vento, ora como flecha ao alvo. Seu relevo nos parece composto por montanhas, rios, pedras, terra, neve, areia e mares, coberto por folhas, matas e seres, envolto por brumas, ares, nuvens, chuva, raios, astros e estrelas.

Esse desdobramento do mundo contém, por sua vez, outros mundos que se desdobram em outros, e assim sucessivamente em outros mais. Algo como: no fundo do mar há uma caixa, nessa caixa tem um ovo, nesse ovo uma vela, na vela a chama teima em prosseguir acesa, iluminando como um sol outros tantos mundos oníricos. Ou, na noite do céu da boca da onça brilham estrelas. E ainda: das árvores plantadas sobre a cabeleira do gigante nascem flores de sorvete e cachos de picolé.

A fabulação, presente nas entrelinhas de traços precisos, números, cálculos, frases, letras, sons, perfumes, sombras, linhas, sabores, texturas, lembranças, abre-se nesses muitos mundos. Não para fora, mas para dentro.

E se os pensamentos em seus movimentos muitas vezes se fazem analógicos, metafóricos, metonímicos, é de suas frestas que nos surgem espaços que ampliam, para um sem fim, as possibilidades de caminharmos por essa terra das histórias, de onde reinventamos as tênues teias da vida, o insubstancial tecido da realidade e a leveza do mundo que suportamos sobre os nossos ombros, e que “não pesa mais que a mão de uma criança” (Andrade, 2012, p. 33).

Desse mesmo lugar do sonho, como o nomeia Ailton Krenak (2019) em

Ideias para adiar o fim do mundo, brotam as histórias que nos permitem adiar o fim do mundo.

Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente (Krenak, 2019, p. 65-67, grifo do autor).

É, pois, desde esse espaço onírico, lúdico e sagrado, acessado por meio das histórias e dos sonhos e indicado pelos xamãs e sábios que nele habitam ou que por ele atravessam, que podemos resistir, re-existir e cuidar do mundo que em nós parece ter adoecido.

Poderíamos nos perguntar: Sonhamos signos, imagens, sons, cheiros, texturas, sabores? Ou sonhamos o que há desde antes dos sentidos e que só sabemos exprimir por analogia aos cinco sentidos? Ou ainda: O que as histórias, que contamos ou escutamos, em nós acessam ao deflagram sensações? Acessam signos, imagens, sons, cheiros, texturas, sabores, ou algo que há para além dos sentidos?

Se só nos é possível perguntar ou responder estando imersos no universo da linguagem, não há como sabermos como são os sonhos de alguém supostamente isento da linguagem ou dos signos determinados socialmente, ou mesmo dos sentidos.

Na ausência da possibilidade de encontrarmos respostas ou formularmos perguntas sem a presença da palavra – ou ainda: na absoluta ausência de necessidade de perguntarmos ou respondermos algo desde essa terra das histórias –, nos restam os nossos esquecidos sonhos de recém-nascidos, lembranças sem palavras que nos vêm desde esse lugar sagrado inominável. Resta-nos – conhecemos o caminho – atravessar, por meio dos sonhos ou das fabulações compostas pelas mesmas palavras que nos aprisionam, o ilusório abismo que criamos e que parece nos separar dessa terra onírica e lúdica.

Adentremos, pois, nesse desdobramento aconchegante de mundo para que juntos nos deixemos conduzir numa viagem pelo universo do contador de histórias. Ensaïemos uma fabulação sobre a fabulação. Desatemos os cintos e mergulhemos nas frestas que nos conduzem à terra das histórias. Como? É simples. Basta pisar, dançar leve e seguir, ora como pluma ao vento, ora como flecha ao alvo. A senha de entrada? Uma história vinda do topo do mundo, dos Himalaias: *O Senhor das Ilusões*. Por meio dela prosseguiremos cuidando, mais um pouco, e mais, e mais... do mundo que em nós, de fato, adoeceu, e constituindo, a cada instante e constantemente, um mundo sadio no qual merecemos habitar.

UMA HISTÓRIA: O SENHOR DAS ILUSÕES

Reinou, no passado, num palácio da região dos Himalaias, um monarca justo e que muito se interessava pelos mistérios da vida, ainda que fosse um tanto orgulhoso e impaciente.

Não distante de seu palácio, numa caverna das altas montanhas, morava um sábio eremita conhecido por todos da região como o Senhor das Ilusões por compreender como poucos o segredo das ilusões que nos cercam.

Um dia, o Rei ordenou ao seu Ministro que convidasse o ermitão ao seu palácio para que pudesse aprender os seus mistérios.

O Ministro não tardou a enviar um mensageiro que, atravessando os despenhadeiros das montanhas geladas, levou o convite ao ancião.

Dias depois, numa tarde ensolarada em que os cortesãos se preparavam para a inauguração oficial da temporada de caça, o Rei e o Ministro avistaram de uma das sacadas do palácio um velhinho caminhando em direção aos portões. Tratava-se do raro e admirado convidado.

O Ministro foi ao seu encontro, recebendo-o e conduzindo-o à mesa do salão real, onde se acomodava, à sua espera, o monarca.

Depois das reverências e cumprimentos, o sábio foi convidado a sentar-se ao lado do Rei e de seu Ministro. Mas antes que pudessem proferir palavra, um criado serviu uma bandeja com uma chaleira de que escapava um tênue fio de fumaça do chá de mais raro aroma e de mais apurado sabor. Sobre a mesa,

o servo dispôs três xícaras de uma porcelana tão fina, que ao ser levada à boca parecia se dissolver entre os lábios. Serviu a bebida e se retirou.

O Rei foi o primeiro a erguer a xícara e sentir o aroma do chá, levando-a à boca e saboreando-o. Em seguida, devolveu-a ao pires e disse com voz firme ao Senhor das Ilusões:

– Há muito tempo circula por essas montanhas a fama de sua douta sabedoria. Convidei-o aqui para pedir humildemente que o Senhor me ensine o que sabe sobre o poder e a natureza das ilusões.

O sábio, tendo escutado atentamente o pedido do Rei, apanhou sua xícara com a mão esquerda, ergueu-a vagorosamente enquanto sentia a fumaça do chá dissipar-se diante de seu rosto. Sentiu seu cheiro agradável e, antes de levar a xícara à boca, respondeu:

– Eu poderia, nobre Rei, ensinar-lhe muitas coisas sobre o poder e a natureza das ilusões. Para isso bastaria que Sua Majestade fechasse os olhos e eu estalasse os dedos.

O Rei na mesma hora fechou os olhos e se concentrou esperando receber os ensinamentos que pedira.

O sábio estalou os dedos e em seguida disse:

– No entanto, lamento informar que Sua Majestade o Rei não está preparado para receber esta iniciação.

Quando o monarca escutou essas palavras abriu os olhos, profundamente contrariado, e furiosamente esmurrou a mesa, esbravejando:

– Quem você pensa que é para negar um pedido que fiz humildemente, sendo eu o maior soberano de todas estas terras?

O sábio, ainda segurando a xícara com a mão esquerda, com olhar sereno completou:

– Pelo que percebo, quem se julga o maior soberano desconhece o significado da palavra “não”.

O Rei enfureceu-se ainda mais por não perceber no eremita qualquer reação de medo. Então sacou sua espada, erguendo-a e gritando enfurecido:

– Eu poderia matá-lo.

O Ministro, vendo que aquilo poderia não acabar bem, pois o convidado não esboçava sequer um piscar de olhos e isso atordoava ainda mais o Rei,

suplicou em tom de conselho:

– Monarca, não perca seu precioso tempo com esse homem inútil. O cavalo de Sua Majestade está pronto e todos estão à espera do nosso soberano para a abertura da temporada de caça. Escute as trombetas soando, meu Rei.

Contrariado, o Rei embainhou a espada e saiu do salão sem dizer palavra. O Senhor das ilusões por sua vez continuou com sua xícara na mão, mantendo a mesma serenidade no olhar.

O monarca, ainda nervoso, montou em seu cavalo adornado e partiu acompanhado de guardas e nobres. Sentindo-se profundamente contrariado, tudo o que mais queria naquele momento era ficar a sós, sem ninguém. Por isso ordenou que todos seguissem à frente.

Mantendo uma certa distância do grupamento de caça, ele avistou, distante no bosque, um veado. Desviou o cavalo do caminho e perseguiu o animal em disparada. Já bem adiante, quando quase o alcançava, seu cavalo tropeçou num tronco próximo a um barranco enorme. O rei desprendeuse dos estribos e das rédeas e rolou morro abaixo, cada vez mais para dentro da mata. Na queda, bateu a cabeça numa pedra e desmaiou. O cavalo caiu para o lado oposto ao do despenhadeiro, erguendo-se logo em seguida, e correu sem rumo pelo bosque.

Ao sentirem falta do Rei, os guardas e os nobres que compunham aquele grupamento retornaram. Quando, depois de um tempo de busca, avistaram o cavalo real, convocaram todos os súditos e ordenaram que procurassem o soberano por todos os cantos. Mesmo com a chegada da escuridão da noite, as buscas prosseguiram sob a parca luz de tochas e archotes.

Quando era madrugada, o Rei despertou sem saber onde estava e sem se lembrar de sua identidade. Desceu o despenhadeiro sem destino até chegar a uma estrada, pela qual seguiu num sentido que o levava cada vez mais distante de seu reinado. Sentia muitas dores pelo corpo, além de fome e sede.

Pouco antes do raiar do Sol, viu se aproximar um grupo de ciganos que seguia pela estrada. Admirados com sua bela vestimenta, lhe perguntaram:

– Quem é o senhor, nobre de ricas vestes?

Ele respondeu apenas que não sabia e que a única coisa que sentia além das dores no corpo e na cabeça era uma fome e uma sede imensas. Disse ainda

que se tinham gostado da roupa ele a trocava com eles por comida, por água e por um lugar para dormir em segurança.

Foi assim que, vestindo roupas dos ciganos, aquele Rei partiu para muito distante de seu reinado deitado numa simples carroça. Viajou cidades com o grupo nômade, dando a força de seu trabalho em troca de comida e moradia. Visitou muitos países, muitas cidades, muitas vilas, até que um dia conheceu uma mulher por quem se apaixonou. Despediu-se de seus companheiros de jornada e naquele lugarejo permaneceu, onde se casou.

Tiveram três filhos que cresceram fortes e saudáveis. Os dois mais velhos foram convocados para a guerra e morreram em batalha.

Mas se o antigo Rei ficou profundamente entristecido com a notícia da morte de seus filhos maiores, sua esposa ficou inconsolável. Não quis mais saber de comer. Com isso adoeceu e pouco tempo depois faleceu.

Restaram, da família do homem que outrora fora Rei, ele e seu filho mais novo. Mas como a idade já o deixava um tanto abatido e as perdas tinham tirado sua vontade de viver, ele um dia deitou-se na cama e de lá não mais desejou se levantar. Seu filho lhe prestava os cuidados com o maior zelo.

Até que um dia, sentindo a morte se aproximar, o velho pai chamou o jovem à beira da cama e dele se despediu com os olhos em prantos.

O filho suplicou:

– Não se vá, meu pai! O senhor é a única pessoa que tenho na vida.

O homem fechou os olhos, concentrou-se profundamente e respirou mais um pouco, dessa vez bem lentamente, escutando a fraca batida de seu coração. Naquele breve instante ele encontrou finalmente uma paz, uma paciência e uma tranquilidade já esquecidas.

Então, escutou o som de um firme estalar de dedos.

Quando abriu os olhos viu, diante de si, o seu Ministro e o Senhor das Ilusões sentados à mesa do salão real.

O sábio segurava a xícara de chá na mão esquerda com o mesmo olhar sereno, enquanto a fumaça se esvaía diante de seu rosto. Ele então levou a xícara à boca degustando lentamente a bebida. Depois, pôs a xícara à mesa e disse ao monarca:

– Senhor Rei, são estes os poderes e é esta a natureza das ilusões. Sua

Majestade pensou que tudo o que sentiu fosse real, por isso a ilusão criada pela sua mente lhe gerou tanto sofrimento. Quando o monarca compreender que a vida é tecida com um fio tão efêmero como a linha da trama dos sonhos, quando o Rei finalmente receber os demais ensinamentos, sobre eles meditar e por fim colocá-los em prática com paciência e perseverança, o maior soberano destas terras encontrará enfim o discernimento necessário para governar a si mesmo e, desse modo, governar com sabedoria o seu reinado.

O Rei prestou as mais solenes reverências àquele sábio homem e a partir daquele dia seguiu os seus conselhos e ensinamentos até compreender a natureza e o poder das ilusões. E desde então reinou com justiça, paciência e sabedoria.

UM CONVITE PARA ADENTRAR À TERRA DAS HISTÓRIAS

Para Noemi Paz (1995), o mundo mágico ocupa um mesmo plano junto ao mundo real. Quando se escuta uma história, por exemplo, a percepção do ouvinte se amplia para uma relação de unidade, algo que nos conduz para além da objetividade do que consideramos real.

Um conto, por exemplo, é convite suficiente para adentrarmos a terra das histórias. Seu material mitológico, como o dos sonhos, é o que nos permite cuidar do mundo que anda doente em nós.

Para Jung (2011), o sonho não é resultado de uma intenção, mas, sim, um fenômeno natural. “Não podemos explicá-lo a partir de uma psicologia que provém da consciência” (Jung, 2011, p. 16). O sonho é, por si, a sua melhor explicação, qualquer interpretação que dele seja feita, sempre lhe é inferior. O mesmo se pode dizer com relação aos mitos e aos contos de fada, complementa Marie-Louise von Franz (1999). Mas se de um lado “A interpretação é um escurecimento da luz original que brilha no próprio mito” (Franz, 1999, p. 46), de outro a interpretação é também um modo de contar histórias, pois quando interpretamos, a interpretação torna-se o nosso mito. “Nós explicamos X por Y, porque Y corresponde melhor ao nosso espírito atual” (Franz, 1999, p. 55).

Poderíamos contar a história anterior a partir da angústia de um monarca que, do mais alto cargo sente o peso de um mundo adoecido, imposto pelas

narrativas lógicas e objetivas, pelos compromissos e pelo peso da responsabilidade criada no mundo que ele concebe como real.

O monarca convida, então, o sábio, espécie de xamã que conhece a terra do sonho, que nela habita e por ela passeia (Krenak, 2019). E ele simplesmente o conduz, por meio de um despregar, um soltar-se, um deixar-se cair como pluma, a essa improvável e imprevisível terra onírica e lúdica das histórias, o lugar das ilusões pressupostas.

Mas para quem tanto habitou um mundo adoecido e tanto se habituou a sofrer e a se permitir conduzir pelos ventos impostos pelos acontecimentos supostamente não ilusórios da realidade, as ilusões, como os sonhos e as histórias, são novidade avassaladora. O mundo que o Rei supõe real é levado consigo ao se desdobrarem os mundos dos sonhos e das ilusões, daí a razão de seu enorme sofrimento.

Ao regressar, sob a orientação do Senhor das Ilusões, o Rei compreende pela primeira vez que a realidade por nós construída é feita com o mesmo fio que tece os sonhos. Nossas reações e sofrimentos são fruto da suposta realidade que imprimimos ao mundo a que chamamos real.

Nessa viagem, o tempo é adiado, o que acreditamos ser real é ampliado, desdobrado. O Rei resiste e re-existe ao se descobrir mais amplo para dentro do que para fora. Dá-se conta de um vasto reinado que lhe foge à soberania e que, mesmo, torna-se superior ao próprio rei ao destituir-lhe do trono, dando-lhe uma nova história, uma família, uma velhice e uma morte que existem na terra das ilusões, na terra do sonho, na terra onírica e lúdica das histórias, e que fogem ao mais grandioso poder real. E o que é um rei sem a sua realeza, sem a sua realidade? Real de realeza e real de realidade nesse ponto desmoronam e se perdem juntos diante da ilusão e dos sonhos.

Ao regressar, o próprio real suposto que enovela o rei em sua existência é questionado. Realeza e realidade tornam-se ilusões tão frágeis e efêmeras quanto a teia das ilusões. E assim, ao compreender profundamente a fugacidade daquilo em que até então acreditava e considerava real, o monarca alcança a sabedoria.

AS HISTÓRIAS E OS SONHOS

Em nossa tradição ocidental, foi Jung (1985) quem nos chamou a atenção para o fato de os contos de fada e os sonhos serem fenômenos universais por estarem, ambos, repletos de material mitológico. Hans Dieckmann (1986, p. 13) reconhece: “Eu preferia sentir menos a falta desta linguagem dos contos de fada e dos mitos de nosso próprio inconsciente, do que de qualquer teoria da ciência, por mais racional e inteligente que fosse”.

Não seria a profunda falta, assumida por Dieckmann (1986), que sentimos dessa linguagem, o que faz eclodir em nós a urgência de transitarmos pela terra onírica e lúdica de onde nos vêm e para onde nos conduzem as histórias?

Homo mithologicus e *Homo ludens* – mitológicos e lúdicos – que somos (Morin, 2006), mais do que *Homo economicus* e *Homo faber*, ingressamos por meio das brincadeiras com as palavras na terra das histórias e de lá reinventamos infinitudes de puxadinhos, ampliações e desdobramentos deste mundo lotado e loteado, enlatado e limitado, econômico e fabricado, finito e findado, onde mal cabemos.

Morin (2006) acrescenta que mais do que *Homo sapiens*, somos *Homo demens*, pois nossa racionalidade não é absoluta, mas permeada por uma inevitável loucura. Estamos, pois, sujeitos ao erro, ao delírio, à afetividade.

É importante que esse mundo onírico e lúdico que acessamos ao narrarmos ou escutarmos uma história, não seja visto como subterfúgio ou como escape no sentido depreciativo, como se o mundo fosse o real e os sonhos fossem um delírio. Esses mundos se conectam. Mas é a partir do lugar do sonho que podemos construir paraquedas coloridos de todas as cores (Krenak, 2019). Esses, no lugar de amortecerem a queda anunciada num mundo em ruínas no qual acreditamos que existimos apenas como *economicus*, *faber* e *sapiens*, nos permitirão voar com prazer pela terra das histórias, um mundo amplo onírico e lúdico, onde podemos nos saber *mithologicus*, *ludens* e *demens*.

Não há maior equívoco do que a ideia de que a humanidade de hoje é o resultado das melhores escolhas. Certamente, como sociedade, nos equivocamos em vários dos desvios e atalhos que tomamos na história da humanidade, na crença de que se tratavam das melhores escolhas e de que elas

indubitavelmente nos levariam a um progresso contínuo. Nos afastamos muito mais do que supomos de caminhos que levariam à constituição de sociedades e mundos mais saudáveis.

Ocorrida logo após a chegada dos europeus à América, a vitória do comandante espanhol Hernán Cortez sobre o imperador asteca Montezuma foi resultado da desenvolvida comunicação inter-humana dominada pelos invasores. Diferentemente dos povos indígenas, os europeus priorizavam as tecnologias de comunicação entre os seres humanos, visando a objetivos imediatos, em detrimento da comunicação com a terra e com a natureza.

Como herança dessa predominante comunicação inter-humana, presenciamos hoje o desenvolvimento tecnológico desse atalho e dessa escolha tomados outrora pela cultura dominante. Nossos computadores em rede, nossos celulares, nossas tecnologias de comunicação tornam evidente essa preponderância comunicativa entre seres humanos.

Como consequência, esse mesmo amplo desenvolvimento da comunicação inter-humana, que possibilitou a Cortez informar-se sobre os povos que desejava dominar, se fez e ainda se faz em detrimento da comunicação com a terra e a natureza, presente entre os povos indígenas.

Essa comunicação inter-humana, visando a uma vitória, mais do que a uma interação e a uma convivência recíproca de concepções de mundo ou de práticas comunicativas, subalternizou e invisibilizou os saberes indígenas. Nossa escassa comunicação com a terra e com a natureza tornou-se uma das causas da gradativa falência dessa mesma sociedade invasora, contribuindo para acelerar não apenas a sua queda, mas também a prenunciada morte de um mundo por ela adoecido há tempos, como antecipou o chefe Seattle, em 1855, numa carta dirigida aos governantes estadunidenses: "Seu apetite devorará a terra e deixará somente um deserto" (Seattle, 1987, p. 21).

O sábio chefe Seattle, com base nos saberes e no modo de vida de seu povo, que privilegiam a comunicação com a natureza e com a terra, alertou ainda, na ocasião: "O que ocorrer com a terra, recairá sobre os filhos da terra. O homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo" (Seattle, 1987, p. 39).

Afinal, o que somos hoje resulta não apenas de um amplo

desenvolvimento das comunicações inter-humanas, mas também da incapacidade de nos comunicarmos com as plantas, com os animais, com o planeta, com os rios, com as montanhas, com o vento, com a chuva e com o nosso próprio corpo, ouvindo seus sinais, seus gritos, seus sussurros, seus conselhos, seus apelos. Nosso planeta já não nos suporta, nos dois sentidos mais comuns da palavra “suportar”: não nos sustenta e não nos atura. Até mesmo o nosso corpo, por vezes, parece não mais nos suportar, pois há tempos desaprendemos a nos comunicarmos com ele (que impressionantemente somos nós, tal como o mundo). Daí a falta que sentimos das narrativas e dos mitos depois de tanto nos distanciarmos dessa terra onírica e lúdica habitada e conhecida pelos grandes sábios.

É que almejamos mais. Um mais onde caibamos amplos. E se o mundo objetivo nos espreme, nos aperta, esse aspecto onírico e lúdico da nossa subjetividade não apenas nos contém, mas também nos faz contentes – ao ser contida em nós em toda a sua amplitude. E, por isso, nos faz plenos – porque repletos. Trata-se de um preenchimento recíproco. Bem distinto dos limites das aparências de um mundo doente que nos são impostos.

UM OCEANO, UMA NUVEM, UMA DANÇA DE ÁTOMOS

Esse trânsito pela terra das histórias, tanto por quem conta quanto por quem escuta, é, como vimos, um exercício de sentir-se pleno e contente (também no sentido de conter). Essa prática pode ser também compreendida por meio de outras vivências, como as que serão descritas nesta conclusão.

Ao respirarmos, inspiramos uma parcela do mundo. Cada molécula absorvida possui uma longa história. Alguns de seus elementos terão habitado corpos dos seres mais diversos, terão subido aos céus e descido às profundezas da terra e dos mares inúmeras vezes, terão vindo de estrelas distantes, percorrido distâncias astronômicas, viajado por milhares e até por milhões de anos. Assim, nos enchemos de universo, um universo que previamente nos habita na dança de átomos, matéria e energia, que somos. Então, esse mundo, esse cosmos, pulsa em cada um de nós.

Ao respirarmos, crescemos por meio da nossa inspiração como se

absorvêssemos todo o mundo, e ele em nós coubesse. Contemos o universo, tornamo-nos, desse modo, plenos e contentes ao ampliarmos o nosso “eu” e nos tornarmos “nós”, esse “nós” amplo que também somos.

Depois expiramos e nos permitimos esvaziar para nos diluirmos nesse amplo universo e sentirmos como se estivéssemos vazios, deixando de lado provisoriamente a nossa certeza de um “eu” para que o “nós” nos contenha.

Essa pulsação contínua, perceptível por meio de vivências respiratórias relaxantes (Moraes, 2022), vai para além desse câmbio de moléculas inspiradas e expiradas. Ela permeia a alimentação e a excreção, a síntese de substâncias estimulada pelo Sol, a percepção da luz, a recepção de moléculas por meio da audição, do paladar e do olfato, os estímulos detectados pelos receptores táteis, enfim, vai muito além daquilo em que supomos resumir o nosso “eu”.

As aparências, tal como aprendemos a perceber, são mais efêmeras do que podemos pressupor por meio dos sentidos. O vazio que separa as partículas subatômicas ocupa mais espaço do que a matéria propriamente dita dos átomos. Nós e o mundo somos, principalmente, vazios.

Se em meio a essas pequenas partículas predominam vazios, entre os átomos também. Os corpos dos seres e dos objetos, compostos por moléculas formadas por átomos, não se tocam. Há sempre, entre as partículas dos átomos que os formam, um vazio. Então, são os nossos sentidos que nos dão a impressão de que as coisas são o que acreditamos ser.

Nessa grande dança daquilo que hoje poderíamos chamar de átomos – organizados invisivelmente no ar e mais perceptivelmente na água, nas pedras, nos seres e nos objetos que inventamos de moldar e chamar de seres – existimos. Nesse grande baile, acreditamo-nos como separados, e a partir do que a nós parece constituir o nosso “eu”, consideramos como “outro” tudo aquilo que nos parece externo.

É como se vivêssemos mergulhados num oceano de átomos, e nos esquecêssemos que somos também parte desse oceano, e dele inseparáveis. Flutuamos e fluímos em meio a uma nuvem de átomos, e somos essa mesma nuvem de matéria e energia. Tão simples quanto o ditado oriental dos Himalaias que apregoa: “Para que uma gota d’água não seque jamais, basta atirá-la ao mar”.

Se o exercício de respiração promove essa pulsação, então no ato de narrar – que compreende a inspiração seguida da expiração por meio da qual nossa história é ofertada ao ar, aos ouvintes – podemos vivenciar uma imersão nesse oceano ou nessa nuvem de átomos que somos, compreendendo-nos como inseparáveis desse fluxo constante de matéria e energia. Complementarmente, as moléculas que nos fazem perceber os sons da paisagem sonora na qual narramos, composta também pela pulsação do nosso coração e pela nossa voz, também são parte dessa dança.

Essa percepção nos leva a constituir na nossa prática de narrar um espaço sagrado em que eu e outro se encontram e se fazem inseparáveis, sejam esse eu e outro: narrador e ouvinte, narrador e ambiente, narrador e ar, narrador e natureza, narrador e sons, narrador e história, narrador e mundo.

Nessa expansão de mundo para fora e para dentro, podemos nos entender finalmente como parte do mundo. Complementarmente, essa maneira de experimentar o ato de narrar nos conduz à inseparabilidade, também, dessa terra onírica e lúdica onde os contos habitam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 33.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fada vivos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

FRANZ, Marie Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. V. XVIII. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Seminários sobre sonhos de crianças**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias com maestria: técnicas e vivências**. Petrópolis: Vozes, 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2006.

PAZ, Noemi. **Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas**. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1995.

SEATTLE (Chefe Índio). **Preservação do meio ambiente**: manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos E.U.A. II: Vera Rodrigues. São Paulo: Babel Cultural, 1987.